

AFECÇÃO E AFETO EM SPINOZA E DANIEL STERN: CONSIDERAÇÕES CLÍNICAS

*José Carlos Chaves Brazão*¹

RESUMO

O objetivo principal deste artigo é o de discorrer sobre os conceitos de afecção e afeto, como concebidos na filosofia de Spinoza e na teoria clínica de Daniel Stern, tecendo considerações sobre as intercessões produzidas entre os dois domínios de saber e salientando o ganho potencial na abordagem clínica com a utilização destes conceitos como operadores analíticos. Destacamos o caráter relacional que afecção e afeto ganham em ambas as concepções, se tornando o veículo privilegiado para o desenvolvimento e a constituição do si. Apontamos, também, como afecção e afeto, tomados como signos indicativos da variação da potência de existir, servem como norteadores de intervenções clínicas.

PALAVRAS-CHAVE: *afecção; afeto; clínica transdisciplinar; transversalidade; corpo*

¹ Psicólogo clínico. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense.

AFFECTION AND AFFECT IN SPINOZA AND DANIEL STERN: CLINICS CONSIDERATIONS

ABSTRACT

The main purpose of this paper is to descant about the Spinoza's philosophy concepts and Daniel Stern's clinics theory of the affection and affect, weaving considerations about the intercessions between the two fields of knowledge and pointing out the potencial gain at the clinics approaching with the application of these concepts as analitical operators. We highlighted the relational aspect that affection and affect have at both conceptions, becoming the priviledge vehicle for the developing and constitution of the self. We also pointing out how affection and affect, taking as indicative signs of the variation of the to be potency, can be guides to clinics interventions.

KEYWORDS: *affection; affect; clinics of thansdisciplinarity; transversality; body.*

INTRODUÇÃO

Discorrer sobre o corpo é por em foco algo habitual. O corpo se apresenta em todas as ações diárias, dos gestos mais simples às expressões mais complexas, é o corpo que se evidencia como agente de relações com o mundo. Seria pelas relações travadas com os corpos externos que o corpo se constitui, se conhece e se afirma em uma individualidade. É o corpo que age, que se modifica e se transforma, tornando-se objeto de estudos de diversos domínios de saber, dentre eles a Filosofia e a Psicologia.

Spinoza, em meio ao cenário filosófico do século XVII, que se encantava com as qualidades destiladas da razão, subvertia a lógica cartesiana e lançava a questão: "O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo..." (Ética parte III, proposição 2, escólio²). Ainda que esta declaração tenha sido feita há mais de 350 anos, o fato é que mesmo na atualidade, com todos os recursos de pesquisa de que se dispõe, o corpo continua surpreendentemente rompendo com limites prescritos e assombrando com suas façanhas. Spinoza apontava para a potência desconhecida que o corpo encerra e, ao mesmo tempo, esboçava, em sua questão, o status que o corpo alcançaria em sua filosofia, colocando-o em paridade com a mente, como ele preferia definir.

Afecção e afeto são conceitos que andam de par e tornam-se indissociáveis na referida filosofia, bem como são tratados da mesma maneira na Psicologia, mais particularmente na teoria do desenvolvimento de Daniel Stern. Afecção e afeto encontram-se intimamente ligados ao corpo e, assim como ele, são fenômenos do nosso cotidiano, imprescindíveis nas relações travadas com o mundo. O afeto também é alvo de estudos de muitos autores nos domínios da clínica em Psicologia e aparece nos trabalhos dos pioneiros, nesse campo.

Levando em conta a importância que o tema atinge nos estudos contemporâneos na clínica em Psicologia e o destaque que ganham nos trabalhos de ambos os autores aqui retratados, buscaremos traçar analogias e produzir ressonâncias, enriquecendo o conhecimento sobre os mesmos e os potencializando como ferramentas de intervenção clínica.

² Ao longo deste trabalho estaremos utilizando, por conveniência, este formato ao nos referirmos ao texto da *Ética* (SPINOZA, B. [1632-1677]). *Ética*, 2ª edição. São Paulo: Editora Autêntica, SP, 2007).

1. AFECÇÃO E AFETO EM SPINOZA

Spinoza, em sua filosofia, pondera deslocando o corpo de uma posição subordinada à mente, desconstruindo uma visão predominante em sua época; rompe com os limites de uma visão descritiva baseada na funcionalidade orgânica. Visão que propunha o corpo com funcionamento mecânico e determinado ao movimento pela influência mental. Spinoza (Ética parte II, proposição 13, postulado 1) concebe um corpo determinado por suas relações intrínsecas e pelas relações com os corpos extrínsecos e que, como corpo extenso, possui características gerais como todos os corpos extensos, mas que, como corpo humano, possui propriedades específicas, como sua composição múltipla e pela unidade ontológica que forma com o atributo pensamento, a mente, caracterizando-se como *individualidade*. Propõe ainda, que o corpo possui atributos básicos e estruturais, definindo como estrutura suas propriedades cinéticas e dinâmicas intrínsecas ao movimento e repouso, acelerações e reduções de velocidades que suas partículas constitutivas possuem (Ética II, 13, postulado 1; DELEUZE, 1968; 1981).

Se tomarmos o corpo por qualquer um de seus atributos básicos, encontraremos que sua descrição não estaria mais atrelada a uma forma ou função, mas sim às relações que esse corpo manteria. Tanto a forma quanto as funções desenvolvidas por esse corpo serão dependentes das relações de velocidades, acelerações e reduções, repouso e movimento que ele manterá entre suas partes constitutivas e com os corpos com os quais ele entrar em relação. Pensar um corpo pela sua estrutura abre a possibilidade de agenciá-lo em outros modos de relação. Promove liberação dos seus limites até então atrelados a um determinado método de compreendê-los e de descrevê-los.

Ao conceber o corpo humano, Spinoza vai estabelecer uma distinção entre *afecções* (*affectio*) e *afetos* (*affectum*). O termo *afecção* é empregado para designar o efeito que um corpo produz sobre o outro. Por exemplo: o contato com os raios do Sol esquenta meu corpo. Com isso afirmo que o Sol é quente; contudo, essa afirmação é apenas relativa à ação do Sol sobre meu corpo, ao efeito que seu corpo produz sobre o meu. Este efeito indicaria um estado do corpo afetado, mas, também, a natureza do corpo afetante (Ética II, 16, demonstração). O efeito anunciaria uma relação de reciprocidade entre os corpos, definindo um aspecto comum entre eles e expressando uma mistura, ou um limite de indiscernibilidade mútua. A *afecção* remete à qualidade

sensorial da experiência. Por ela se pode conhecer com o “quê” se está relacionando, se o corpo é mole, duro, quente, frio etc. Ela refere à experiência imediata. Com Deleuze, vemos o seguinte:

O que é uma afecção do vosso corpo? Não o sol, mas a ação do sol ou o efeito do sol sobre você. Em outras palavras, um efeito, ou a ação que um corpo produz sobre um outro, se diz que Spinoza, em razão de sua física, não acreditava em uma ação à distância – a ação implica sempre um contato – é uma mistura de corpos. A *affectio* é uma mistura de dois corpos, um corpo que é dito agir sobre o outro, e o outro receber a impressão do primeiro. *Toda mistura de corpos será nomeada afecção* (DELEUZE, 1978 p.9).

Deve se assinalar que para toda afecção corporal uma ideia ocorreria por correspondência, pois tudo o que se passa no corpo é percebido pela mente, já que ele é seu objeto, e, sendo assim, toda vez que se falar em experiência coextensivamente se estará falando em pensamento ou ideia a ela correlata. Esta é mais uma das proposições espinosistas, apresentadas na parte II de sua *Ética*, dissonantes dos discursos dominantes em seu tempo (*Ética II*, proposição 13). Para o filósofo, mente e corpo dividiriam o mesmo status, em termos de ordem e expressão – para um mesmo acontecimento haveria uma ordem e uma expressão simultâneas em ambos os atributos – ou seja, para uma ação no corpo haveria uma ideia correspondente na mente, que se encadeariam em séries simultâneas e independentes (*Ética II*, proposição 7, escólio; DELEUZE, 1981; JAQUET, 2004). Não haveria, para Spinoza, um corpo determinado à ação ou ao padecimento pela influência mental, como seria a concepção cartesiana. O corpo encontra, em sua filosofia, a determinação de suas ações a partir do movimento e do repouso, das acelerações e das reduções de velocidades que suas partículas constitutivas estabelecem entre si mesmas e através do encontro com outros corpos extrínsecos, pois somente um corpo pode determinar outro corpo ao movimento ou ao repouso e somente uma ideia pode determinar outra ideia (*Ética III*, proposição 2).

Em relação ao afeto (*affectum*) Spinoza o define como sendo "as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções" (*Ética parte III*, definição 3).

A partir desta definição, fica clara a relação entre afecção e afeto. Spinoza distingue dois tipos de afetos que o corpo humano pode experimentar (*Ética parte III*, prefácio): aqueles que seriam *paixões*, podendo, na própria definição do filósofo, serem alegres ou tristes, e aqueles que seriam *ações*, necessariamente alegres. Os

primeiros derivariam do contato imediato entre corpos, pois o termo *paixão* é empregado pelo autor da *Ética* ao se referir ao ato de padecer, sofrer uma ação causada por um corpo extrínseco, enquanto que os segundos não estariam condicionados ao contato presencial com qualquer corpo.

Na definição de *afeto* está contido um signo que ajuda na sua compreensão. *Afeto* seria uma classe de experiências que expandiria ou contrairia, estimularia ou refrearia a potência de existir (*Ética* parte III, definição 3). Dessa forma, o *afeto* pode ser apreendido como sendo uma experiência de variação, uma vivência dinâmica. Na leitura que Deleuze (1978 p.6) faz de Spinoza, ele define *afeto* da seguinte maneira: "Afeto, variação contínua da força de existir ou da potência de agir".

A partir da leitura de Deleuze, o *afeto* fica referido a uma experiência como variação contínua. Como existem, basicamente, três tipos de afetos – desejo, alegria e tristeza (*Ética* parte III, proposição 11, escólio) - a vivência seria balizada entre seus limites. Da tristeza à alegria e vice-versa haveria uma modulação constante na potência de agir. O exemplo comumente apresentado, tanto por Deleuze (1978 p.7), quanto por Spinoza (*Ética* III), sugere como o *conatus* pode variar, sentido como expansão-contração, tendo como referência a alegria ou a tristeza que se experimentaria ao encontrar com duas pessoas diferentes – Pedro e Paulo - em momentos distintos do dia. O *afeto* em relação a Pedro seria de “desagrado” – o que é considerado como uma variante da tristeza, entendendo por tristeza todo e qualquer afeto que contraia a potência de existir. Esse encontro afetaria seu *conatus* (força de existir, segundo Spinoza); em seguida o encontro se daria com Paulo, com quem experimentaria “agrado”, conseqüentemente expandindo sua força de existir. Esta modulação vivenciada como continuidade, como “linha melódica” é o *afeto* (Deleuze, 1978). O *afeto* assinala, portanto, a maneira com que os corpos se relacionam, o “como” se experimenta essa relação e qual a intensidade dessa experiência. Ele indica uma transição do *conatus*, tendo a tristeza em um extremo e a alegria no outro, e, ainda, o grau intensivo experimentado. Das lágrimas à gargalhada e do sorriso ao pranto há uma modulação intensiva do sentir. O fio condutor nessa passagem é o *afeto*.

O afeto, por sua definição, fica compreendido como uma experiência que envolve simultaneamente o corpo e a mente, ou seja, uma variação da força de existir se expressando concomitantemente nos dois atributos, pois ele é ao mesmo tempo a afecção e a ideia dessa afecção (*Ética* parte III, definição 3). Em outras palavras, o

afeto não pode ser considerado uma expressão exclusiva nem do corpo e nem da mente, mas uma experiência comum aos dois registros. “O afeto exprime a simultaneidade, a contemporaneidade daquilo que se passa na mente e no corpo” (JAQUET, 2004 p.21).

Como delineado, as afecções possuem a propriedade de afetar o corpo expandindo ou contraindo, estimulando ou retraindo sua potência de agir (Ética parte III, postulado 1). Toda a vez em que corpos se encontram ocorrem afecções recíprocas entre eles e uma variação no *conatus* também, expressa através da expansão ou da contração e definida dentro de um espectro que varia entre a alegria e a tristeza. Deleuze (1978, p.7-8) sugere que ideia e afeto variem continuamente, porém em regimes diferentes. As ideias se encadeiam umas às outras em uma sequência infinita, e os afetos modulariam “melodicamente” em uma variação constante da força de existir, porém sendo irreduzíveis um ao outro. Como acompanhamos neste trecho: "Assim, quando estudamos os afetos, estudamos simultaneamente o ponto de vista do corpo e o ponto de vista da mente" (BOVE, 2010 p.29).

Efetivamente, os processos que delineamos – afecção e afeto – ao se desvelarem na relação entre os corpos nos levam a apontar que há um desconhecido do corpo que emerge e que frustra as tentativas de enquadrá-lo nos limites descritivos de sua forma ou de suas funções. Malgrado os ensaios das Ciências, que têm no “corpo” seu objeto de estudo, de lhe atribuírem padrões de referência, sua potência permanece indeterminada e surpreende a todo o momento. Da enunciação dessa proposição se desprende uma segunda que seria a de que a constituição de *si* é possibilitada pela relação com o que é extrínseco a *si*, pois o encontro carrega a potência de fazer emergir algo ainda desconhecido dos corpos. A constituição múltipla de cada corpo assegura a indeterminação do que deles pode advir a cada novo encontro que realizam. Pelas afecções se conhece o efeito, a impressão que os corpos produzem uns sobre os outros.

Spinoza define o ser humano, em última instância, como um grau de potência. Fundamentalmente ele seria formado por uma infinidade de partículas (PEIXOTO JR, 2009) que convergem em um arranjo relacional singular, que se expressa por um poder de afetar e de ser afetado, e pelas relações que estabelece com outros corpos. Deleuze (1978 p.75) caracteriza, desta forma, uma *individualidade*, concebendo-a em três dimensões. Uma primeira dimensão seria a da sua composição heterogênea,

formada por conjuntos de partes extensas. Destas partes, também chamadas de indivíduos por Spinoza, “alguns são fluidos, outros moles, e outros, enfim, duros” (Ética parte II, proposição 13, postulado 2), e possuem como propriedades fundamentais o movimento e o repouso, as acelerações e as reduções de velocidades. O que define a segunda dimensão da individualidade é que estes conjuntos de partes extensas se organizam segundo uma relação cinemática característica que conserva uma proporção definida, e a ruptura dessa proporcionalidade implicaria na dissolução do indivíduo (Ética parte II, proposição 13 lemas 4, 5, 6 e 7 e definições). A terceira dimensão de uma individualidade, seria a das relações mantidas entre seus conjuntos de partículas extensas com outros corpos, e que exprimem nada mais que um grau de potência, ou seja, um determinado poder de afetar e de ser afetado.

Resumidamente, uma individualidade é caracterizada como grau de potência, definida pela variedade de relações que realiza, e pela sua capacidade de afetar e de ser afetada. Este conceito se opõe a qualquer tipo de formação que seja estática, que encerre em si um modo determinado de funcionamento. As relações que constituem uma individualidade são sempre mutáveis, devido à complexidade de sua constituição. A cada encontro uma nova expressão da sua potência pode emergir, trazendo à tona modos ainda desconhecidos de se estar no mundo.

Embora esteja acentuado na primeira dimensão da individualidade que ela é formada por uma infinidade de partes extensas agrupadas em conjuntos, não se pode entender que seria pelas funções físico-químicas destas partículas que sua unidade se afirmaria, pois ela seria determinada não pela sua qualidade extensa, mas pelo seu regime de afetos.

Constituir a *si*, portanto, implica em conhecer o que de *si* emerge na relação com o que é extrínseco a *si*. Constituição que advém do contato com outros corpos, devido a sua composição complexa e à capacidade que possuem de afetarem-se reciprocamente. Cada encontro promove novas afecções que, por sua vez, provocam novas organizações nas relações entre as partes constitutivas de cada corpo envolvido no encontro. Mas não seria da ordem de uma interioridade o que emerge no encontro de corpos, algum conteúdo previamente introjetado que estivesse latente à espera de ser despertado. Não é disso que trata a filosofia de Spinoza, não haveria um oculto a ser descoberto, mas, sim, uma potência a se expressar. Afecção e afeto emergem como novas experiências. Devido à complexidade constitucional de cada corpo, torna-se impossível estabelecer, previamente, que afecções podem surgir a cada novo

encontro, que tipo de afetos decorrerão, quais as relações que irão se desenvolver e, em última instância, se estas relações expandirão ou contrairão seus respectivos *conatus*. Cada encontro carrega a marca da imprevisibilidade; sua riqueza e potência se caracterizam pela dimensão do inesperado que dele pode advir. Seria na experimentação da sua potência que uma individualidade se constituiria. A individualidade é processualidade que se refaz a cada encontro.

1.1 NA CLÍNICA, O AFETO

Ao tomarmos os elementos *spinozistas* – *afecção* e *afeto* – temos em vista a sua referência em nuances expressas na experiência clínica. O plano da clínica, neste sentido, propicia um território favorável para que as subjetividades se manifestem em toda sua diversidade e, atravessados pelo pensamento de Spinoza, percebemos, nestas manifestações, os princípios propostos por sua filosofia. Vemos, tais princípios, fazendo parte das experiências que a clínica oferece. Entretanto, é preciso definir de que maneira eles se manifestam, qual experiência eles medeiam, que tipo de traço eles deixam. O que eles traduzem?

Afecção e afeto não são formulações objetivas, mas são *signos* (DELEUZE, 1993), não remetem nem a objetos nem a conceitos, mas formam uma categoria particular de signos que expressa intensidades, objetivações passageiras, notações de estados transitórios, momentos capturados de um devir em permanente modulação. Expressam “estados de corpos (afecções) e variações de potência (afetos)” (DELEUZE, 1993 p.158). Eles vêm a ser, portanto, experiências sensíveis e são chamados de *signos expressivos* (afecções) e *intensivos* (afetos), pois denotam estados de *si* marcados por modulações da sensibilidade.

Os signos são “formas expressivas” e, como tais, exprimem efeitos passados ou atuais do encontro entre corpos. Recordamos que as afecções vêm a ser a impressão causada por um corpo sobre outro. Nesse âmbito, a afecção seria uma experiência de mistura de corpos, já que a natureza de ambos os corpos é comum. Deleuze os chama de “signos escalares, uma vez que expressam nosso estado em um momento do tempo” (DELEUZE, 1993 p.156). Ao emergirem na situação clínica, expressam um estado vivenciado pelo paciente (BRAZÃO, 2012). Eles são signos *indicativos* (ibid., p.157), pois indicam, além da própria natureza do corpo afetado, aquilo que foi retido do contato com outro corpo; qual das suas características que o

afetou (a simpatia de uma pessoa, sua beleza, sua inteligência etc), em tal ou qual encontro.

Outra classe de signos intensivos que comparecem na clínica são os afetos. Sua manifestação exprime uma variação da potência de existir para maior ou para menor. Desta forma, são denominados *signos vectoriais* (DELEUZE, 1993 p.157), expressando a transição do estado do *conatus* ao longo da duração, no sentido de uma expansão ou de uma contração da sua força existencial. Encontram-se, fundamentalmente, balizados pela alegria e pela tristeza, expressando suas modulações.

São passagens, devires, ascensões e quedas, variações contínuas da potência que vão de um estado a outro: lhes chamamos de *afetos*, falando com propriedade, e não mais afecções. São signos de crescimento e de decréscimo, signos *vectoriais* (do tipo alegria-tristeza), e não já escalares como as afecções, sensações ou percepções (ibid., p.157, grifo do autor).

Cabe acrescentar que há signos que apresentam uma característica ambígua, ou seja, que ao mesmo tempo aumentam e diminuem a potência de existir. Spinoza se refere a este estado de espírito como *flutuação de ânimo* (Ética III, 17, escólio). Pode-se compreender a ambiguidade de um signo pela complexidade constitutiva de um corpo. A cada encontro ele sofre efeitos variados no contato com outros corpos, pois: “O corpo humano compõe-se de muitos indivíduos (de natureza diferente), cada um dos quais é também altamente composto” (Ética II, 13, postulado 1). A composição múltipla do corpo humano determina, assim, a diversidade das afecções e dos afetos que ele pode experimentar em um mesmo encontro com outro corpo composto, sendo possível, até mesmo, que os afetos suscitados sejam opostos.

Afecção e afeto, como signos da ordem sensível requerem, para sua apreensão, a disponibilidade de recursos clínicos nem sempre muito habituais, impõem ao analista a cartografia de seus movimentos, como indicativos da direção do desejo, como seguimos nas palavras de Guattari: “Não se trata de interpretá-los. Trata-se antes de detectar sua trajetória para ver se podem servir de indicadores de novos universos de referência suscetíveis de adquirirem uma consistência suficiente para revirar uma situação” (GUATTARI, 2000 p.75).

Todavia, apesar da delicadeza envolvida no manejo com os afetos, parece haver consenso entre os autores contemporâneos de que essa é uma poderosa ferramenta a serviço do trabalho clínico, possibilitando o contato com certos aspectos do universo existencial dos pacientes dificilmente traduzíveis, ou mesmo tangíveis,

pela fala, pois, com frequência, a linguagem se mostra como um instrumento insuficiente para mediar toda a riqueza da experiência subjetiva, ocluindo determinadas nuances que não pertencem ao seu domínio (STERN, 1985; BATESON, 1972).

Bateson (1972) sugere que o desenvolvimento da linguagem dividiu-se em duas formas de expressão: a para-linguagem, acompanhada da cinestesia, e a linguagem verbal. Ambas as formas evoluíram cumprindo funções diferentes e tanto uma quanto a outra se mostram inadequadas para expressar conteúdos informativos impróprios ao seu domínio. Enquanto a linguagem verbal é apropriada para reduzir imagens a símbolos codificados que traduzem o mais precisamente possível uma ideia, “parece que o discurso da comunicação não verbal é precisamente ocupado com questões relacionais – amor, raiva, respeito, medo, dependência etc.” (BATESON, 1972 p.296). O autor de *Steps to an Ecology of Mind* aponta que numa declaração de amor as palavras seriam menos convincentes, e, portanto, dever-se-ia se dar menos ouvidos a elas do que a outros signos mediadores desta informação.

Se há signos heterogêneos sendo veiculados por linguagens distintas, a sua apreensão também é suposta de ocorrer através de meios diferenciados. Stern (1985, 1995, 2004, 2010) sugere que o material afetivo (não verbal) seria a contra-parte necessária de toda experiência, conferindo o sentimento de integração ao conjunto da experiência, criando uma perspectiva para organizar o enredo de uma vida, através da sua narrativa. Muitas vezes estes signos passam despercebidos em uma sessão clínica, devido, talvez, à atenção excessiva dispensada ao recurso verbal.

2. O AFETO NA CONSTITUIÇÃO DO SI

Tendo em vista as proposições da filosofia de Spinoza, acerca do corpo e do afeto, trazidas neste texto e entendidas como processos relacionais, vejamos agora o status que corpo e afeto ocupam na perspectiva clínica de Daniel Stern.

Stern (1985) desenvolve uma teoria propondo a constituição de *si* a partir da conjugação de experiências mediadas por perspectivas que se organizam ao longo do desenvolvimento infantil, as quais ele chama de *sensos de si*. Estes *sensos* são concebidos como perspectivas complexas e primárias de organização subjetiva que emergem no processo relacional e de desenvolvimento. A mãe (ou outra pessoa que desempenhe as funções maternas) e o ambiente são agentes que concorrem para a sua

formação. Os sentidos são modos de funcionamento organizados, autônomos e complexos, sendo irreduzíveis a vetores ou forças determinantes.

Na hipótese concebida pelo autor, o desenvolvimento ganharia caráter não linear, ou seja, se estabeleceria sobre uma sequência cronológica para a organização dos *sensos*, com a delimitação de períodos de vida onde certos aspectos marcantes seriam observados, os quais seriam os índices de sua formação. Durante momentos específicos da vida infantil, novas capacidades, algumas inatas (eminentemente aquelas que compõem o aparelho perceptivo) e outras adquiridas, entrariam em funcionamento reorganizando as relações com o mundo. As capacidades que integram os *sensos* seriam os meios pelos quais se perceberia e se organizaria a realidade.

Por volta de oito semanas de vida o *senso de Si Emergente* surgiria; o *senso de Si Nuclear* emergiria entre oito e vinte e quatro semanas; o *senso de Si Subjetivo* entre sete e nove meses; e entre quinze e dezoito meses o *senso de Eu Verbal* se estabeleceria (STERN, 1985). Todavia, os *sensos* não formariam uma estrutura hierarquizada onde os últimos se aporiam sobre os primeiros, subsumindo-os à sua organização. Nessa concepção, haveria uma progressão, no sentido de sequência cronológica, para a emergência dos *sensos*, porém não haveria progresso, com caráter de ultrapassagem, nem ganho qualitativo entre estágios ou fases. A ideia de sequencialidade ficaria mantida sem, contudo, exigir que nessa consecutividade os estados posteriores experimentados contenham qualquer ganho qualitativo, em termos de superioridade, sobre os estados anteriores. Os *sensos* seriam perspectivas heterogêneas que manteriam entre si uma ligação solidária na constituição da subjetividade (BRAZÃO, 2008; 2012). Cada nova organização se evidenciaria por um verdadeiro "salto quântico"³ nos modos com que a criança se relacionaria com o mundo.

O primeiro *senso* a se formar é o *senso de um Si Emergente* (STERN, 1985). A expressão utilizada pelo autor aponta que esta primeira organização subjetiva é uma forma muito incipiente de experimentação de si. A ideia de processo em formação vem a ser utilizada e o autor ressalta que a experiência de uma organização se

³ A expressão "salto quântico" é utilizada por Stern (1985 pp. 8; 124), em sua concepção, para sugerir que o desenvolvimento não ocorre de maneira linear, mas que se processa através de mudanças rápidas. "Desenvolvimento ocorre em largas passadas; mudanças qualitativas podem ser uma de suas mais óbvias características. Pais, pediatras, psicólogos, psiquiatras, e neurocientistas concordam que novas integrações chegam em saltos quânticos" (STERN, 1985, p.8).

constituindo envolve tanto o processo quanto o resultado final (STERN, 1985 p.46). Nesse sentido, a continuidade da formação perdura durante toda a vida. O *senso de si* não seria uma construção cognitiva, mas uma experiência de integração de capacidades e emergência de potencialidades.

Sob o ponto de vista ortodoxo, não haveria uma experiência de si diferenciada antes da atualização da competência linguística. O bebê seria incapaz de ter qualquer referência de sua própria individualidade, pois experimentaria, ainda, um estado de fusão subjetiva com a mãe ou cuidador (PIAGET, 1964, 1967; WALLON, 1971). Contudo, esse ponto é refutado na teoria sterniana e o autor vai apontar, ao longo de seus estudos (STERN, 1985; 1995; 2004; 2010), que a partir das relações afetivas que o bebê empreende uma experiência de individuação se constitui desde a mais tenra idade. Stern sugere que a responsividade afetiva através do contato olho a olho e do sorriso responsivo são as principais afecções que garantem ao bebê a conexão necessária para o desenvolvimento de um senso, ainda que muito elementar, de individualidade. Este senso ganha consistência a cada nova potencialidade que se atualiza ao longo do processo relacional.

Novas competências entram em cena ao longo do desenvolvimento, concorrendo para organizar a experiência de si. O *senso de Si Nuclear* emerge, possibilitando um novo contorno para a experimentação que se ensaia. A *autorregulação* é a competência em destaque nessa fase. Ela é concebida como sendo a habilidade para a regulação dos níveis de excitação corporal e dos estados afetivos através do processo relacional. Através do jogo lúdico, atingindo a equiparação de níveis emocionais, uma sintonia se estabelece concorrendo para abrandar a euforia e a agitação, por exemplo, presentes no cotidiano do bebê. Dessa forma a *autorregulação* assume caráter apaziguador, semelhante à relação com o objeto transicional da concepção de Winnicott (1951)⁴. A *autorregulação* seria uma operação vital na constituição de *si*. Sua dinâmica é traduzível por uma experiência de *si* com o que é não *si*. O *si* estaria constituindo-se em função e na relação com o não *si*.

⁴ A experiência de *autorregulação*, com um objeto externo, é tratada na psicanálise *winnicottiana* pelo conceito de *fenômenos transicionais*. Estes fenômenos são observáveis em todas as crianças entre quatro e doze meses de idade (WINNICOTT, 1951). Fazem parte integrante do desenvolvimento sadio do ser humano, pois dizem respeito ao “problema da relação entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido e, na solução desse problema” (WINNICOTT, 1951, p.26). Cabe esclarecer que a teoria dos *fenômenos transicionais*, de Winnicott, é mais complexa do que aqui exposta, porém não é o objetivo deste artigo explicitá-la, apenas fazer alusão a ela no que compõe com o exposto no texto.

Por volta do sétimo mês de vida, algo mais sutil do que a regulação de estados corporais passa a ser compartilhado. O *senso de Si Subjetivo* se organiza e estados psíquicos tornam-se experiências possíveis de serem compartilhadas. O foco muda da regulação de experiências - autorregulação - para o compartilhar das mesmas (STERN, 1985 p.203). Nesse nível, entra em jogo a capacidade para a intimidade psíquica garantindo a expansão exponencial das trocas entre subjetividades. Além de todas as experiências até aqui possíveis, a partir desse estágio, segundo Stern (1985 p.27), estados mentais poderiam ser lidos ou sintonizados. A sintonia alcançada nesse nível de desenvolvimento permite que os agentes engajados no processo relacional atinjam um estado no qual afetos e intenções se tornam experiências comuns. A *interafetividade* pode ser a primeira e a mais abrangente forma de compartilhar experiências.

Nesse ponto, aflora um fenômeno que seria, aparentemente uma simples imitação, uma “responsividade empática”, como descrito pelo autor (STERN,1985) porém, diferindo de uma imitação, pois que a imitação diz respeito à forma, trazendo contida a ideia de uma equiparação direta. Esse fenômeno implica um novo nível de experimentação entre mãe-bebê/cuidador-bebê que os coloca em sintonia direta com estados psíquicos mais complexos um do outro. Stern (1985, p.140) chama de *sintonia afetiva* para o fenômeno observado, a partir deste período de vida, que promove equivalência entre estados subjetivos (BRAZÃO, 2008). Na imitação movimentos interativos tornam-se necessários para evidenciá-la, na *sintonia afetiva* características dinâmicas são equiparadas, não havendo identidade gestual imprescindível. Para isso, não é imperativo que os canais sensoriais para a percepção e expressão do estado afetivo sejam idênticos, efeito da capacidade *cross-modal*, recurso inato e observável em bebês, a partir de 6 semanas de vida, que sugere que a criança experimenta um mundo de unidade perceptual no qual ela pode perceber qualidades amodais através de qualquer via sensorial, provenientes de qualquer comportamento humano expressivo. A criança representaria estas qualidades abstratamente e possuiria a habilidade para transpô-las em qualquer modalidade sensorial, permitindo o livre trânsito e expressão de estímulos através de qualquer um dos canais sensoriais. A partir do instante em que a sintonia está estabelecida, uma atmosfera de integração é criada expandindo dramaticamente a potência do compartilhar intersubjetivo. A identificação em outrem de estados afetivos vivenciados em si leva à realização dos mesmos como experiências socialmente

aceitáveis, em contrapartida estados afetivos que nunca são compartilhados tendem a tornarem-se reclusos ou integrarem-se em algum complexo patológico (STERN 1985, 2004; BRAZÃO, 2012).

Há outro fator desempenhando papel importante na *sintonia afetiva*, são os *afetos de vitalidade* (STERN, 1985 pp.156-160). Os *afetos de vitalidade* constituem uma classe particular de afetos, com qualidades distintas, mostrando-se como uma das vias mais efetivas pela qual o bebê distinguiria o que é animado do que é inanimado. *Afetos de vitalidade* podem ocorrer vinculados aos afetos categorizados⁵ ou serem decorrentes de processos internos (fome, peristaltismo, sensações diversas etc), próprios das experiências da criança. São qualidades da experiência, podendo ser traduzidas por palavras dinâmicas, cinéticas, tais como: crescendo, decrescendo, explodindo, enfraquecendo, falhando, surgindo etc., sempre conotando movimento. Fundamentalmente, *afetos de vitalidade*⁶ poderiam ser sentidos como: “alterações dinâmicas ou mudanças nos padrões em si mesmo ou no outro”. (STERN, 1985, p.156).

É durante o segundo ano de vida da criança que a linguagem se atualiza produzindo uma expansão fantástica das possibilidades de estar com outrem. Os conteúdos mentais e afetivos, além de já serem compartilhados, podem, a partir deste advento, serem expressos verbalmente incrementando as trocas intersubjetivas, possibilitando duas pessoas criarem experiências mútuas de significados e formando as condições para a organização do *Senso de Eu Verbal*.

⁵ Afetos categorizados seriam aqueles basicamente descritos por Darwin (1863) medo, raiva, alegria, tristeza e seus derivados.

⁶ Stern (1995 p. 82-83) introduz a expressão *sentimentos com contorno temporal* (*temporal feeling shapes*, ou apenas *feeling shapes*) para caracterizar os sentimentos subjacentes às experiências na sua variação temporal. Ele remarca o caráter difuso que o sentimento possui em contraste com o aspecto objetivo que o afeto pode assumir (por exemplo quando se trata dos afetos categorizados darwinianos) e enfatiza a sua não subordinação a qualquer processo cognitivo. Acrescenta o que ele chama de *avaliação hedonística* (*hedonic evaluation*) como aspecto inerente ao sentimento – o que proporciona uma aproximação com a concepção de afeto, em Spinoza. Em 2004 (p.86) ele usa tanto afetos de vitalidade quanto *sentimentos contornados* para indicar a impressão “subjetiva” simultânea à variação “objetiva” do tempo nas experiências clínicas ou cotidianas, e em 2010 ele adota o termo *formas de vitalidade* (*forms of vitality*) para designar o mesmo processo. A variação que o conceito, ou sua simples nomenclatura, sofre é brevemente discutida em seu trabalho *Forms of Vitality. Exploring Dynamic Experience in Psychology, the Arts, Psychotherapy, and Development* (STERN, 2010 p. 17 - 43). Contudo nos parece que a mudança de nome, no último caso, não se dá devido a alguma alteração teórica significativa, mas em virtude da tentativa do autor em explicitar melhor o fenômeno que ele aponta (BRAZÃO, 2012).

Com a linguagem presente o processo relacional ganha novas perspectivas e, a partir de agora, a criação de significados comuns para experiências compartilhadas passa a ser parte integrante das ferramentas existenciais em uso. O foco recairá sobre o processo dialógico presente na construção de significados e para a tradução, em palavras, da experiência subjetiva produzida. A perspectiva dialógica, para a construção de significados, é entendida como sendo um processo de constante negociação que diria respeito à relação entre a experiência produzida e a construção de um significado comum para esta experiência.

O significado resultaria de negociações interpessoais envolvendo o que pode ser acordado como compartilhável. E tais significados mutuamente negociados (a relação entre pensamento e palavra) crescem, mudam, desenvolvem-se e são trabalhados por duas pessoas e assim fundamentalmente possuídos por nós (STERN, 1985 p.170).

Um dos aspectos a ser destacado nessa perspectiva é que o processo de aprendizagem da fala estaria moldando, no sentido de formar experiências compartilháveis, a subjetividade de ambos: “[...] a criança e a mãe criam uma experiência de estar-com usando símbolos verbais – um compartilhar de significados mutuamente criados sobre a experiência pessoal” (STERN, 1985 p.172).

Após a emergência dos quatro sentidos, a experiência de si passa a ser mediada pelos recursos que entraram em vigor em sua constituição. Não há uma ordem hierárquica entre eles, mas um funcionamento simultâneo e cada domínio relacional que cada um deles funda, com sua emergência, regula experiências peculiares, concorrendo, em seu conjunto, para a formação constante de si.

CONCLUSÃO

Na clínica nos deparamos com uma diversidade de fenômenos. Os processos que foram delimitados neste texto, usando como referência a filosofia de Spinoza e a teoria do desenvolvimento de Daniel Stern, são componentes do campo clínico e, por definição, fazem parte do universo existencial do paciente. No entanto, é necessária certa abertura teórica para a apreensão dos mesmos, pois que, geralmente, o corpo, suas afecções e seus afetos não são objetos de enfoque analítico e são deixados de fora da observação clínica.

Spinoza apresenta um corpo relacional, multicomposto, movido pela força das afecções e dos afetos, com independência, autonomia e livre de qualquer influência da

mente. Sua concepção se opunha à filosofia hegemônica em sua época e, tomando-a como referência, certas abordagens clínicas, como a psicossomática, por exemplo, perdem o sentido (BOVE, 2010). Através do exercício de sua potência, algo de desconhecido do corpo advém, resultante das infinitas combinações possíveis de acontecerem nos encontros com outros corpos de mesma complexidade. Afecção e afeto, como processos relacionais que são, em sua emergência, aludem a propriedades pertinentes a ambos os corpos e servirão como indicadores para situações vivenciadas, em uma relação presente ou em uma experiência passada. Voltar a atenção para estes processos, apontando suas qualidades, esclarecendo seus matizes e identificando a direção de seus vetores, não apenas enriquece o plano da clínica, mas, também, orienta intervenções abrindo caminhos e propondo rumos para questões recorrentes, tendo como referência a composição ou a decomposição do *conatus*.

Seguindo os passos de Stern, podemos entender que o afeto, conjuntamente com as afecções corporais, moldam o universo existencial do bebê desde suas primeiras semanas de vida. A interatividade pela relação afetiva entre o bebê e a mãe/cuidadora é determinante para o seu desenvolvimento. Através dela sua potência se atualiza e a constituição do si se efetua. Nesse jogo interativo, o bebê estabelece contato com a realidade socialmente edificada e constitui-se dialogicamente. Não havendo determinação de sentido nessa relação, pois ao mesmo tempo que a singularidade do bebê se constitui a individualidade da mãe/cuidadora se atualiza.

Deslocar conceitos da filosofia para a clínica, em uma operação transversal, transformando-os em operadores analíticos, representa abertura estratégica para a percepção e compreensão de fenômenos tão significativos quanto quaisquer outros já bem delimitados como objetos de estudo clínico.

A descrição teórica e funcional dos mesmos, como apresentada neste texto, pode impulsionar mais pesquisas com o tema o que enriquecerá a compreensão e funcionalidade destas ferramentas tanto para a filosofia quanto para a clínica.

Sobre o artigo

Recebido: 11/01/2018

Aceito: 16/07/2018

REFERÊNCIAS

- BATESON, G. (1972) **Steps to an Ecology of Mind. Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology**. England: Jason Aronson Inc. Northvale, New Jersey. London, 1987.
- BOVE, L. (2010) **Espinosa e a Psicologia Social. Ensaio de Ontologia Política e Antropogênese**. Belo Horizonte: Editora Autêntica Ltda, 2010.
- BRAZÃO, J.C. (2008). **Entre mim e ti conosco o que há? A relação clínica uma experiência limiar**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Pós-Graduação de Psicologia UFF, RJ.
- BRAZÃO, J.C. (2012). **O vínculo como uma experiência afetiva, pelo primado da relação: uma perspectiva transdisciplinar**. Tese de Doutorado. Departamento de Pós-Graduação de Psicologia, UFF, RJ.
- DARWIN, C. (1863). **A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- DELEUZE, G. (1968). **Spinoza et le Problème de l'Expression**. Paris: Les Editions de Minuit, 1968.
- DELEUZE, G. (1978) L'Affect et l'Idée. In: **Gilles Deleuze explique Spinoza – Vincennes 1978-1981 – www.webdeleuze.com**.
- DELEUZE, G. (1981) **Espinosa Filosofia Prática**. São Paulo: Editora Escuta, 2002.
- DELEUZE, G. (1993) Spinoza e as Três “Éticas”. In: **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 2008.
- GUATTARI, F. (2000) **Cartografias Esquizoanalíticas**. Buenos Aires: Manantial, 2000.
- JAQUET, C. (2004). **L'Unité du Corps et de l'Esprit. Affects, Actions et Passions chez Spinoza**. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.
- PEIXOTO JR., C.A. (2009) Permanecendo no Próprio Ser: a Potência de Corpos e Afetos em Espinosa. In: **Fractal: Revista de Psicologia** Vol. 21 nº 2. EDUFF, Niteroi, 2009.
- PIAGET, J. (1964) **A Formação do Símbolo da Criança. Imitação, Jogo e Sonho Imagem e Representação**. Neuchâtel: Editions Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, Suíça, Copyright, 1964.
- PIAGET, J. (1967). **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.
- SPINOZA, B. (1632-1677) **Ética**, 2ª edição. São Paulo: Editora Autêntica, SP, 2007.
- STERN, D. (1985) **The Interpersonal World of the Infant. A View from Psychoanalysis and Developmental Psychology**. USA: Basic Books, 1985.
- STERN, D. (1995) **The Motherhood Constellation. A Unified View of Parent-Infant Psychotherapy**. USA: Basic Books. New York, 1995.

STERN, D. (2004) **O Momento Presente na Psicoterapia e na Vida Cotidiana**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

STERN, D. (2010) **Forms of Vitality. Exploring Dynamic Experience in Psychology, the Arts, Psychotherapy, and Development**. USA: Oxford University Press, 2010.

WALLON, H. (1971) **As Origens do Caráter na Criança. Os Prelúdios do Sentimento de Personalidade**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

WINNICOTT, D. (1951) Transitional Objects and Transitional Phenomena. In: **Play and Reality**. Pelican Books. England, 1971.